



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

Lohany Kayná Apóstolo Perpétuo

NEGRITUDE EM SALA DE AULA

Brasília
2022

PERPÉTUO, Lohany Kayná Apóstolo. Negritude em sala de aula.

Orientadora Patrícia Lima Martins Pederiva. -- Brasília, 2022. 32 p.
Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de Brasília,
2022.

Palavras-chave: negritude, educação, sala de aula, negro, afeto.

Lohany Kayná Apóstolo Perpétuo

NEGRITUDE EM SALA DE AULA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação como exigência final para obtenção do título de Pedagoga, sob a orientação de Prof^ª Dr^ª Patricia Lima Martins Pederiva.

Brasília
2022

TERMO DE APROVAÇÃO

Lohany Kayná Apóstolo Perpétuo

NEGRITUDE EM SALA

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do grau de Pedagoga. Apresentação ocorrida em 06/05/2022. Aprovada pela banca formada pelos professores:

Prof.^a Dr.^a Patrícia Lima Martins Pederiva – Presidente/Orientadora
Departamento de Métodos e Técnicas (FE/UnB)

Prof.^a Dr.^a Catarina de Almeida Santos
Faculdade de Educação - Universidade de Brasília

M.^a Débora Oliveira Ramos
Assistente Social e Mestre em Políticas Sociais

Prof.^a M.^a Daiane Aparecida Araújo de Oliveira (suplente)
Colégio CIMAN / GEPPE (UnB)

Brasília
2022

DEDICATÓRIA

Figura 1: Versões da neguinha



Fonte: acervo pessoal.

Eu sempre sonhei estar em espaços de importância, a universidade era um deles. A faculdade, a universidade em si que parecia tão distante, finalmente aconteceu. Estar nesse espaço que é de todos e, estranhamente, ninguém lá de casa pisou, vim pra abrir mais esse caminho.

Minha mãe é minha inspiração, mulher negra, mãe solo e avó, minha base quando eu não tenho mais chão. Minha filha, é a minha neguinha, tão pequena e tão preciosa, tem muito pra lutar, pra aprender e, mesmo assim, ensina tanto. Meu pai, me ensinou a nunca desistir do que eu quero. Toda vez que eu chego em casa, ele fala da saga da vida dele. Ele é perseverante. Foi ausente, mas, ainda sim, trocamos conversas sinceras... O Vinícius é alguém mais que especial e só ele sabe o quanto isso significa para mim.

Minha família foi a semente pra que esse trabalho de conclusão de curso pudesse brotar, crescer e dar frutos. Cada tópico desse trabalho toca profundamente cada um dos meus, sem tirar nem pôr.

Queria dedicar esse trabalho aos coletivos de que faço parte, que são voltados para a juventude negra do Distrito Federal, o Movimento Afrodescendente de Brasília que é o MADEB e o Projeto ConexãoAfro.

Quero dedicar essa obra a mim, que pensou em desistir, que pensou que esse lugar não era pra mim e que não serviria pra lugares assim. Até que eu cheguei longe e, consigo ter a cada dia mais vontade de abraçar o mundo, de enriquecer e dizer que a ausência do afeto está sendo suprida aos poucos, minhas feridas tem cicatrizado e venho dizer que elas não falam por mim. Como diria Emeicida em *Amarelo*, ao deixar que nossas cicatrizes falem por nós, nós damos troféu pro nosso algoz, que conseqüentemente, faz a gente sumir.

Permita que eu fale

Não as minhas cicatrizes

Elas são coadjuvantes

Não, melhor, figurantes

Que nem devia tá aqui

Permita que eu fale

Não as minhas cicatrizes

Tanta dor rouba nossa voz

Sabe o que resta de nós?

Alvos passeando por aí

Permita que eu fale

Não as minhas cicatrizes

*Se isso é sobre vivência
Me resumir a sobrevivência
É roubar o pouco de bom que vivi
Por fim, permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem
É o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir, aí
Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro*

(Amarelo – Emicida)

AGRADECIMENTOS

Quando pensei nesse tema, eu não imaginava o quão delicado é falar das nossas feridas, não pensava na profundidade que tomaria. Aceitei esse desafio que, com certeza, foi enviado por quem rege meu Orí. Enquanto escrevia, refletia sobre o quanto isso era importante e como seria um instrumento de identificação.

Agradeço a ele, Vinicius Pereira, que topou ser meu parceiro e trocar várias experiências de vida quase como um todo.

Quero agradecer aos que me rodearam durante esse processo de escrita, aos meus familiares e amigos, além dos colegas e conhecidos com quem tive uma ótima troca sobre esse tema.

Um abraço especial na minha mãe que é meu colo da vida inteira, na minha filha que é tudo na minha vida, ao meu pai que é uma figura importantíssima pra mim.

Agradeço também a professora Patrícia Pederiva que me acolheu, viu minha potência e incentivou ainda mais a minha liberdade de escrita e pensamento, além de ter se tornado minha orientadora.

Ao meu grupo de TCC, Kaleb Giulia e Beatriz Rezende que, por mais que estivessem escrevendo seus ensaios, dedicaram um tempo especial para me auxiliar nessa produção.

Um agradecimento especial também ao Projeto (Ori)entação Afetiva, que funcionou como um quilombo virtual, Obirin quem idealizou e realizou, me dando a ideia de escrever para os meus.

E gostaria de agradecer também aos coletivos que faço parte, e que são voltados para a juventude negra do Distrito Federal, o Movimento Afrodescendente de Brasília - MADEB e o Projeto ConexãoAfro.

Esse trabalho foi escrito por mim, mas os passos, os meus, os nossos, vêm de longe. Meus ancestrais e Orixás foram primordiais na elaboração deste trabalho. Sei que estão olhando por mim a qualquer momento.

O sistema sufocou grande parte da minha leitura e escrita. Uma das virtudes de lançar esse trabalho é poder, finalmente, transbordar. Transbordar toda a dor causada por um poema que eu não deixei sair. Porque a dor é um poema silenciado. Dou esse passo para a libertação de todo afeto que me circula, os que recebi, os que não recebi, os que implorei e os que vieram de graça.

RESUMO

Este trabalho se propõe a dialogar sobre as consequências da ausência de afeto na trajetória escolar de alunes negres causadas pelo racismo, numa perspectiva pessoal, que atravessam as vidas negras dentro de uma sociedade racista. E para isso utiliza metodologia de ensaio crítico propositivo por meio de uma conversa, reflexão e diálogo com alguns autores, como bell hooks, Paulo Freire, entre outras referências.

Palavras-chave: afeto, educação, criança, adolescente, alunes negres.

ABSTRACT

This work proposes to discuss the consequences of the lack of affection in the school trajectory of black students caused by racism, from a personal perspective, that cross black lives within a racist society. And for that, it uses a methodology of propositional critical essay through a conversation, reflection and dialogue with some authors, such as bell hooks, Paulo Freire, among other references.

Key-words: affection, education, child, teenager, black students.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Versões da neguinha

Figura 2 - Neguinha

Figura 3 - Negra única

Figura 4 - Meu boletim do 2º ano

Figura 5 - “Eu quero meu cabelo liso, mãe”

Figura 6 - 2003

Figura 7 - 2007

Figura 8 - Esbranquiçada

Figura 9 - África, o Reino dos Ngolas

Figura 10 - A crise de 2008 e a eleição de Barack Obama

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
I. O QUE É AFETO?	18
II. A EDUCAÇÃO QUE EU LUTO E ACREDITO	27
III. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	32

INTRODUÇÃO

Sou Lohany Kayná, começo essa produção com 23 e termino com 24. Sou filha de Cizoca e Mikimba. Sou mãe de Niara Minkah. Sou artista, futura pedagoga, mãe solo e antes disso tudo fui a “neguinha”, “morenona”, “macaca”. Insultos que podem trazer à memória muitas violências vividas por pessoas negras. Criando minha filha, em diversos momentos penso em toda minha trajetória de vida e em tudo que ela poderá passar por vivermos em uma sociedade que nos desumaniza, invisibiliza e silencia. Sempre fui bolsista na escola particular com a promessa de um ensino de qualidade e me dei conta de como o mundo era branco, por ser uma das únicas negras da sala, ou até em alguns casos, a única aluna negra da escola.

Figura 2: Neguinha



Fonte: acervo pessoal.

Figura 3: Negra única



Fonte: acervo pessoal.

Uma das coisas que me incomodam na educação brasileira é a ausência de afeto para com alunos negres. Com uma ampla paleta de tons, características físicas e territórios em diferentes espaços, a negritude se assemelha também por meio de vivências, principalmente pela *dororidade* (PIEADADE, 2019). Essa é definida pela empatia e identificação através da troca de momentos de dor em comum.

O sucesso educacional é medido pela soma de um bom rendimento escolar, as notas elevadas e assiduidade às aulas. Fazendo um recorte étnico sobre quem realmente entrega esse resultado, estes são alunos brancos em maioria, uma parcela de pardes e negres em minoria. O fracasso escolar está mais presente na vida de estudantes negros, não por incompetência ou descaso individual, mas tendo em vista a realidade estrutural em que estamos inseridos no Brasil. Abaixo, trago um dos meus boletins do segundo ano do ensino médio. Nessa época, os professores me classificavam como uma aluna mediana, que conversava demais, que precisava sempre trocar de lugar no mapeamento de sala, porém pouco se falava sobre minhas potenciais e habilidades. Infelizmente, fui lida e classificada como mais uma aluna problema, com nota baixa.

Figura 4: Meu boletim do 2º ano



COLÉGIO CIMAN
 ADS Entre Áreas 1/A, OCTOGONAL, CEP: 70660-645
 Fone: 3213-3737 - BRASÍLIA-DF
 RECREDECIAMENTO: Portaria nº 73 - 16/06/2011 - SEDI.

BOLETIM ESCOLAR / FICHA INDIVIDUAL 2014

Aluno(a): LOHANY KAYRA APOSTOLO PERPETUO Matrícula: 0180104
 Curso: Ensino Médio Série / Turma / Turno: 2 - OBM/AM - Matutino
 Nascido(a) em: 05/04/1998 Natural de: BRASÍLIA D.F. Distrito Federal
 Pai: HELIO SILVINO PERPETUO Fone: (61) 3361-9998
 Mãe: VALDECI APOSTOLO DOS SANTOS
 Endereço: SIES Q 7 BL G CASA 08

Disciplina	M1B	F1B	M2B	F2B	M3B	F3B	M4B	F4B	TP	MF	NR	M	TF	AD	Resultado
ARTE	6,33	-	-	-	-	-	-	-	12,66	6,33	-	6,33	-	-	Cursando
BIOLOGIA	6,11	-	-	-	-	-	-	-	12,22	6,11	-	6,11	-	-	Cursando
EDUCACAO FISICA	8,57	2	-	-	-	-	-	-	17,14	8,57	-	8,57	2	-	Cursando
FILOSOFIA	5,78	-	-	-	-	-	-	-	11,56	5,78	-	5,78	-	-	Cursando
FISICA	5,91	-	-	-	-	-	-	-	11,82	5,91	-	5,91	-	-	Cursando
GEOGRAFIA	6,93	-	-	-	-	-	-	-	13,86	6,93	-	6,93	-	-	Cursando
HISTORIA	5,63	-	-	-	-	-	-	-	11,26	5,63	-	5,63	-	-	Cursando
LING. EST. MODERNA-ESPAHOL	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Cursando
LING. EST. MODERNA-INGLES	6,61	-	-	-	-	-	-	-	13,22	6,61	-	6,61	-	-	Cursando
LINGUA PORTUGUESA	5,73	-	-	-	-	-	-	-	11,46	5,73	-	5,73	1	-	Cursando
MATEMATICA	4,41	-	-	-	-	-	-	-	8,82	4,41	-	4,41	-	-	Cursando
QUIMICA	6,41	-	-	-	-	-	-	-	12,82	6,41	-	6,41	-	-	Cursando
REDACAO	6,02	-	-	-	-	-	-	-	12,04	6,02	-	6,02	-	-	Cursando
SOCIOLOGIA	7,73	-	-	-	-	-	-	-	15,46	7,73	-	7,73	2	-	Cursando

INFORMAÇÕES

- Os componentes curriculares são avaliados em notas de 0 (zero) a 10.
- A média final é calculada por meio da fórmula:

$$MF = \frac{M1B.2 + M2B.2 + M3B.3 + M4B.3}{10}$$
 MF = Média final;
 M1B.2 = Média do 1º bimestre multiplicada por dois;
 M2B.2 = Média do 2º bimestre multiplicada por dois;
 M3B.3 = Média do 3º bimestre multiplicada por três;
 M4B.3 = Média do 4º bimestre multiplicada por três;
- Média para aprovação: 6 (seis).
- O(a) aluno(a) que obtiver MF (média final) menor que 6,0 (seis) será submetido(a) à Recuperação.
- A média após a recuperação é calculada pela fórmula:

$$M = \frac{MF + NR}{2}$$
 M = Média após recuperação;
 MF = Média final dos quatro bimestres;
 NR = Nota de recuperação.
- Será aprovado(a) quanto à assiduidade o(a) aluno(a) de frequência igual ou superior a 75% (setenta e cinco por cento) do total de horas letivas.

7. LEGENDA UTILIZADA NESTE BOLETIM:
 MB = Média do bimestre;
 TP = Total de pontos (corresponde ao somatório dos bimestres multiplicada por seus respectivos pesos);
 AD = Aulas dadas;
 TF = Total de Faltas;

Brasília _____ / _____ / _____ Assinatura do Responsável

Fonte: acervo pessoal.

A maneira como nos vêm em sala precisa ser discutida e repensada para que possamos caminhar para uma educação que realmente nos acolha, nos compreenda e sobretudo, nos humanize. Raivosos, sexuais, inferiores, esses são alguns dos estereótipos que nos categorizam, nos limitam, retirando nossa identidade, complexidade e humanidade. A educação é a base pra uma boa formação pessoal, profissional e ideológica, entretanto como se firmar dentro de um espaço onde somos invisibilizados?

See I know times are hard

Yeah, I mean it from the heart

You're not losing the fight

*Love will make it alright
'Cause I've been there, done that
Worn that dress, so you know mama knows it best, hey
[...]
See I know times are hard
Yeah, I mean it from the heart
You're not losing the fight
Love will make it alright
'Cause I've been there, done that
Worn that dress, so you know mama knows it best, hey*

(Children - Billy Porter)

Nesse trecho da música *Children*, traduzido em português, criança, Billy Porter fala sobre como conseguiu dar a volta por cima dentro de sua luta sendo um homem negro e LGBT. Quando ouvi, não tive dúvidas, precisava estar nesse trabalho essa letra que abraça nossa criança interior, que nós somos o futuro das novas crianças e quem muda o tempo, rompe essas barreiras que o racismo e outros preconceitos somos nós, é a nossa presença e fala. O sentido é ser resistência, representatividade e sermos nós mesmos, respeitando nossos locais dentro da interseccionalidade.

I. O QUE É AFETO?

“Muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor. Essa é uma de nossas verdades privadas que raramente é discutida em público. Essa realidade é tão dolorosa que as mulheres negras raramente falam abertamente sobre isso.” (HOOKS, 2010)

Nesse trecho destacado, bell hooks, a autora elucida sobre a dificuldade de mulheres negras em ter acesso, em sentir e também de falar sobre o afeto. Meu trabalho foi pensado nesse recorte, mas não vou mentir, foi bem complicado escrever sobre. Por muitos dias, me perguntei se era realmente o tema que deveria dissertar e, algo em mim, pulsava e me direcionava para esse caminho. A afetividade é, antes de tudo, os sentidos, sentires e sentimentos, são as emoções. O afeto é muito além de namoro, casamento e amizade. Toda relação entre pessoas constitui um relacionamento, mesmo que sem rótulos, por serem trocas de conhecimento que resultam em níveis de relacionamento.

Figura 4: “Eu quero meu cabelo liso, mãe”

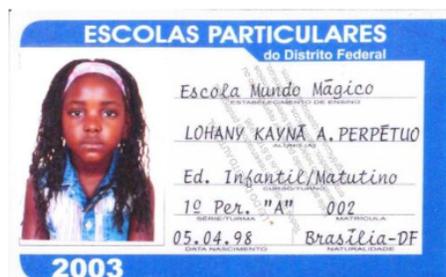


Fonte: acervo pessoal

Durante minha infância, considerando minha memória de época de jardim, eu me sentia muito amada. Querida pelos colegas de turma, amada pela família. Entretanto, precocemente tive meu contato consciente com o racismo. Consciente no sentido de conseguir lembrar até hoje dessas memórias. Falavam sobre meu cabelo, que na época passou por processo de relaxamento, como na foto “eu quero meu cabelo liso, mãe” (técnica para diminuir o volume, *frizz* e alisar cabelos crespos e cacheados). Obviamente, o procedimento estético não escondia que meu cabelo era crespo, muito menos alisava, somente tirava toda a beleza e deixava o cabelo sem vida. Entretanto, essa é uma maneira de se embranquecer para estar nesse espaço se sentindo mais bonita e adequada ao padrão desejado fora a dificuldade em acessar os produtos ideais para o cuidado capilar voltado para o tipo crespo. Eu lembro de ter ouvido “seu cabelo parece um coco” seguido da risada da turma. Vale dizer que crianças brancas aprendem desde muito novas a serem racistas, afinal faz parte do pensamento social brasileiro a violência contra pessoas negras e sua estética.

Em casa, me sentia livre para conversar sobre o que acontecia na escola, minha mãe sempre me ouviu e me acolheu como podia. Com relação ao cabelo, ela colocou tranças em mim. Isso resolvia por alguns meses. Para quem não sabe, o tempo máximo de tranças no cabelo crespo é de até três meses. As tranças sempre foram uma fuga da dor, até descobrir que a versatilidade também é algo que pertence às mulheres negras. A seguir, eu com tranças.

Figura 6: “2003”



Fonte: acervo pessoal.

Figura 7: “2007”



Fonte: acervo pessoal.

Ao pensarmos sobre o afeto, talvez nos questionemos qual a relação dele com a educação. Freire (1999) nos diz que "não há educação sem amor. O amor implica a luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar" (FREIRE, 1999). Assim, diante meu breve relato sobre minha experiência na escola, dada a sociedade que vivemos, marcada pelo racismo, onde anda o amor pelas crianças pretas dentro da escola?

Um estudo elaborado pela *The Georgetown Law Center on Poverty and Inequality* (2017) cuja empresa tem foco em estudos de minorias e classes baixas, executou uma entrevista com 325 (trezentos e vinte e cinco) adultos de diversas etnias. Essa teve o objetivo de investigar os estereótipos que cercam principalmente as meninas negras. O resultado da pesquisa apontou que elas são menos inocentes em relação às meninas brancas. De acordo com a notícia no site Mundo Negro¹, em que veiculam o resultado da pesquisa, “meninas negras precisam de menos proteção, acolhimento, são mais independentes e sabem mais sobre sexo do que as meninas brancas”.

Essa notícia representa a visão de um recorte da sociedade sobre as meninas negras. Eu já fui essa menina. Toda mulher negra já foi ela e é a fase da “neguinha” que gera traumas na construção da nossa identidade.

E como se dá essa situação dentro de sala? Na educação infantil, as meninas brancas recebem penteado no cabelo por utilizarem pente comum, as meninas negras tem cabelo crespo e/ou cacheado, e em sua maioria, não recebem penteados a não ser que a mãe o faça. Me lembro que toda noite, minha mãe fazia meus penteados para acordar pronta para ir a aula.

¹ Título: Infância interrompida: Estudo mostra que meninas negras são vistas como menos inocentes do que meninas brancas da mesma idade. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/infancia-interrompida-estudo-mostra-que-garotas-negras-sao-vistas-como-menos-inocentes-do-que-garotas-brancas-da-mesma-idade/>. Acesso dia 26/04/2022.

Figura 8: Esbranquiçada



Fonte: acervo pessoal.

O racismo, mesmo que velado, persegue a vida de pessoas negras desde seu primeiro choro de recém-nascido. Com o passar do tempo, bebês crescem, se tornam crianças, depois, adolescentes, adultas e por fim, idosas e dentro de todas essas fases o conceito e o sofrimento do racismo fica mais claro e “explicado” caso tenhamos acesso à trocas que nos informem a causa das violências que sofremos. Entretanto, principalmente nas primeiras etapas da socialização da pessoa negra, ou melhor, criança negra, onde se encontra a família e a creche, seria perceptível o racismo? A resposta dessa pergunta se embasa nas reflexões sobre a colonização de mentes em relação ao racismo, crianças negras e nos estudos sobre relações raciais. Além do incentivo de abertura de olhos e permitir a visão de outro mundo. Na foto acima, “esbranquiçada”, eu não sabia a causa, mas queria tentar me camuflar.

Muito se fala sobre as potencialidades que as crianças pequenas têm, encontram-se estudos, especialistas e artigos, entretanto, poucos são os que respeitam a linguagem, a vontade e a necessidade de uma criança pequena. São subestimadas, colocadas como “tabulas rasas” e silenciadas em boa parte de seu processo enquanto gente. E é necessário que sejam dadas chances de serem ouvidas, dar liberdade de expressão, mesmo que não falem, não andem, não escrevem nem leem ainda, e os adultos precisam praticar a escuta sensível e crítica. A linguagem corporal é muito presente e objetiva nessa fase, logo, merece atenção e respeito. Sendo uma criança negra, lhes são negadas ainda mais coisas, a violência ganha intensidade por ter presente em sua vida o racismo então, assim que nasce já entra em estatísticas negativas em relação à “raça”.

A creche é, em sua maioria, além de ser espaço educativo, um dos primeiros lugares onde a socialização de bebês ou crianças pequenas. Um local de muita interação, acolhimento, brincadeira e afetividade. Essa fornece apoio pedagógico e cuidado para crianças de um a três anos, e está integrada à Educação Infantil. O corpo docente expressa um grande carinho pelos alunos, isso faz com que se sintam confortáveis e apegados, entretanto, esses afagos não chegam às crianças negras com a mesma intensidade e se chegam é devido a alguma forma que ela encontrou de chamar a atenção do professor.

Os profissionais que se dispõem a trabalhar numa creche, não lhes basta ter gosto por bebês e crianças, tanto o auxiliar, a professora, a merendeira e todos os outros que atuam. Obviamente, esse é o lado que pesa mais para os pedagogos e as pedagogas que recebem, através da academia, uma bagagem teórica específica das diferentes pedagogias existentes, de perspectiva do desenvolvimento humano, educação na visão política, filosófica e sociológica. Isso não os faz melhor que os outros que trabalham nesse mesmo contexto, mas, a cobrança na realidade é muito maior. Sabe-se também que é necessário ter prática e habilidade no modo de lidar com crianças pequenas, que têm suas próprias vontades, mas, que podem não querer brincar naquele dado momento, nem querer comer naquela hora, apenas querer fazer o que quer na cabeça e isso deve ser respeitado. Quando o adulto se apropria da escuta decolonizadora, percebe-se com clareza que crianças pequenas são tão protagonistas quanto eles, assim como tem dias que adultos não querem dormir na hora que geralmente o fazem, ou querem comer algo diferente, ou apenas querem interagir com outras pessoas e é tudo bem. Os pequenos não estão num mundo diferente do mundo dos adultos, diariamente, eles se inserem cada vez mais, sentem e entendem tudo o que se passa e expressam. Além de reproduzirem muitos dos comportamentos dos mais velhos. E mesmo com pouco tamanho e idade, estão dentro de uma sociedade em que a desigualdade social, ao invés de ser extinta - uma utopia-, passa por uma manutenção gradual, com a renovação das gerações.

Dentro de um sistema racista, aguarda-se que pessoas negras sejam subalternas, e incapazes de entrar num padrão de normalidade. A partir dessa perspectiva, estereótipos são colocados independentes da idade dessas, então crianças negras pequenas quando tem uma postura ou atitude que não atenda a humilhação que esse sistema espera, logo sofre com consequências que se correspondessem ao padrão jamais teriam que lidar. Quando não se está numa normatividade enquanto indivíduo, quanto mais se distancia desse padrão, mais

desqualificada é a pessoa. E isso diz respeito a todas as pessoas não-brancas, que no fim, a corda arrebenta para o lado mais negro.

“As crianças percebem, percebem, percebem porque quando tá agradando uma criança que é mais lindinho, aquele que é largado de lado, ele fica ali em volta, sabe aquele olho de cachorrinho pedinte? Judiação, carente, aquela coisa de carência? E eu falo, Abbas vem aqui que vou te dar um abraço, a criança vem e abraça, sabe com aquela vontade. Ele sente que tem mais ou que é a maioria, graças a Deus ali não é a maioria, onde é assim, nós somos onze, cinco fazem assim, os demais não, a maioria ali trata de forma igual, tem carinho de forma igual, o zelo elas têm de forma igual, mas na hora do carinho não! Na hora de paparicar, bajular não... E as crianças percebem porque elas ficam com aquela carinha ali triste... tanto nas vezes que elas aprontam, na hora de morder, de empurrar é uma forma de eles chamarem a atenção... tanto que hoje um menino negro deixou ser mordido duas vezes, a gente foi lá e ficou cuidando, cuidando... esse é pretinho... aí todo mundo em volta... aí todo mundo cuidando e chamando a atenção do outro que é paparicado... aí eu pensei como é que ele deixou, ele é esperto, inteligente, eu acho que ele fez isso para ter atenção. Lilian (negra) – entrevista realizada no segundo semestre de 2012 – (grifos nossos).”

Nessa citação da pesquisa de Santiago (2014), consegue-se compreender que um menino negro que se dispõe à uma humilhação para que seja notado e para ter acesso ao afeto da professora ou auxiliar de creche. Se fosse ao contrário, isto é, o menino negro que mordesse, a repulsa existente seria multiplicada. Enquanto isso, várias outras crianças negras criam formas de resistir, de desagradar às pedagogias racistas que as impedem de serem crianças felizes e saudáveis, e é essa “rebeldia” que permite detectar comportamentos racistas no ambiente da creche.

Durante o ensino fundamental e o ensino médio, nós lidamos com as poucas representações nos livros didáticos, como o exemplo na figura 8, que em sua maioria estão relacionadas à inferioridade, servidão e escravização. Não somente isso, mas o nosso constrangimento a sermos cobrados por professores, professoras e alunes, que acham necessário que coloquemos nossas opiniões sobre a “pobreza em África”, afinal pouco se fala sobre a riqueza cultural de África e seus impactos tanto na construção da humanidade como a sua importância para a atualidade, ou sobre a Escravização no período pré e do período colonial no Brasil. É exaustivo apontar que essa prática limita nossos espaços de debate, é como se

Durante a pré-adolescência e a adolescência, nossos olhares se atentam para a nossa identidade, estamos em constante processo de amadurecimento. O corpo muda, a forma de pensar, o ambiente, tudo muda. A violência racial piora. Afinal, crescemos com essa desconfiança de que é uma culpa nossa ou até mesmo coisa de nossa cabeça, entretanto é uma estrutura que a gente consegue perceber. Até ter a consciência de que somos "negros demais" para estar nesse espaço ou que está passando por uma situação de racismo por ser negro. Parece óbvio, porém, é doloroso chegar e aceitar essa conclusão. Com essa percepção, nosso rendimento escolar e aproveitamento não se mantêm positivos.

A maioria das doenças que as pessoas têm são poemas presos

Abscessos, tumores, nódulos, pedras...

São palavras calcificadas, poemas sem vazão.

Mesmo cravos pretos, espinhas, cabelo encravado, prisão de ventre...

Poderiam um dia ter sido poema, mas não...

Pessoas adoecem da razão, de gostar de palavra presa.

Palavra boa é palavra líquida, escorrendo em estado de lágrima.

Lágrima é dor derretida, dor endurecida é tumor.

Lágrima é raiva derretida, raiva endurecida é tumor.

Lágrima é alegria derretida, alegria endurecida é tumor.

Lágrima é pessoa derretida, pessoa endurecida é tumor.

Tempo endurecido é tumor, tempo derretido é poema.

E você pode arrancar os poemas endurecidos do seu corpo

Com buchas vegetais, óleos medicinais, com a ponta dos dedos, com as unhas.

Você pode arrancar poema com alicate de cutícula, com pente, com uma agulha.

Você pode arrancar poema com pomada de basilicão, com massagem, hidratação.

Mas não use bisturi quase nunca,

Em caso de poemas difíceis use a dança.

A dança é uma forma de amolecer os poemas endurecidos do corpo.

Uma forma de soltá-los das dobras, dos dedos dos pés, das unhas.

São os poemas-corte, os poemas-peito, os poemas-olhos,

Os poemas-sexo, os poemas-cílio...

Atualmente, ando gostando dos pensamentos-chão.

Pensamento-chão é grama e nasce do pé,

É poema de pé no chão,

É poema de gente normal, de gente simples,

Gente de Espírito Santo.

Eu venho de Espírito Santo.

Eu sou do Espírito Santo, eu trago a Vitória do Espírito Santo.

Santo é um espírito capaz de operar o milagre sobre si mesmo

(Poemas presos - Viviane Mosé)

O esporte, o canto, a dança, teatro são áreas que, entre tantas, funcionam como válvula de escape para as nossas dores. Dentro de um processo de escrita, com o projeto (Ori)entação Afetiva, Obirin (2022), comentou-se durante uma chamada de vídeo: “não é à toa que somos tão bons nessas coisas, são poemas presos” e apresentou esse poema. Nós, pessoas negras, vivemos um eterno estresse pós-traumático. Toda semana, se é reativado por alguma nova violência. Está nos nossos ombros tensos, no maxilar travado, na insônia, no receio reativo, medo não óbvio a quem está de fora - de nos tomarem o básico até perder a vida. Isso também são poemas presos.

II. A EDUCAÇÃO QUE EU LUTO E ACREDITO

Brasil, meu nego

Deixa eu te contar

A história que a história não conta

O avesso do mesmo lugar

Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu denço

A mangueira chegou

Com versos que o livro apagou

Desde 1500

Tem mais invasão do que descobrimento

Tem sangue retinto pisado

Atrás do herói emoldurado

Mulheres, tamoios, mulatos

Eu quero um país que não está no retrato

Brasil, o teu nome é Dandara

Tua cara é de cariri

Não veio do céu

Nem das mãos de Isabel

A liberdade é um dragão no mar de Aracati

Salve os caboclos de julho

Quem foi de aço nos anos de chumbo

Brasil, chegou a vez

De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês

Mangueira, tira a poeira dos porões

Ô, abre alas pros teus heróis de barracões

Dos Brasil que se faz um país de Lecis, jamelões

São verde- e- rosa as multidões

(História Para Ninar Gente Grande - Wantuir)

Esse samba enredo, foi vencedor no Carnaval de 2019 com a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, dialoga sobre a existência de uma outra perspectiva de algumas das histórias do nosso Brasil. A educação que eu acredito se pauta na escuta e leitura de quem teve sua voz abafada, se baseia na vivência das minorias e, principalmente, de pessoas negras. Falar de negritude em sala de aula, apontar a afetividade como suporte e sua ausência como fator principal na trajetória de alunes negres é falar diretamente sobre os impactos do racismo.

É necessário pautar a formação do corpo docente em diálogos e práticas antirracistas. Para isso, necessita-se ter consciência das estruturas de poder, das ideologias dominantes e das múltiplas realidades que existem no cotidiano dos discentes e docentes, isso é imprescindível para pôr em prática, de uma forma democrática, a pedagogia engajada, como descreve bell hooks (2013), que se enquadra na pedagogia antirracista, logo, é indispensável para os trabalhadores das creches. A educação é um forte instrumento para a transformação social, que serve como inclusão ou exclusão em processos de seleção, além da formação pessoal e profissional de indivíduos.

A representatividade importa e não é qualquer uma. Precisamos nos ver em cargos de importância, em conteúdos que gostamos, a figura negra é a base de qualquer acontecimento dentro da história da humanidade, a liderança carrega nomes de uns dos nossos e precisamos acessar, repassar essas conquistas. Falo de ilustrar que Machado de Assis foi negro, ensinar que negros não se escravizavam sem dados comprovados sobre isso - já ouvi tanto que Zumbi tinha seus próprios escravos, porém, ao pesquisar, não achei dados que comprovassem isso. Comentários assim invalidam nossa luta e história.

No processo de ensino aprendizagem, é necessário elucidar que nosso povo passou por um movimento de apagamento étnico e que essa ampla diversidade também foi impedimento para que a luta antiescravista pudesse ser mais eficiente. A Princesa Isabel não foi “boazinha”, era apenas uma questão político-econômica, pois o Brasil se encontrava em atraso com relação aos outros países por ainda contar com mão de obra escravista. A nova geração precisa saber das contribuições de África para o mundo, suas riquezas culturais, sua potência econômica, entre outros pontos.

LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008.

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 26-A da [Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996](#), passa a vigorar com a seguinte redação:

“[Art. 26-A](#). Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 10 de março de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Fernando Haddad

(Presidência da República, 2008)

A história do não-pertencimento que ocorre pela falta de representatividade, ou seja, crianças e jovens negres, em sua maioria, não se veem nas mídias, nos desenhos e isso fere diretamente a autoestima dela. É necessário que o corpo docente se aproprie da lei 11645 (BRASIL, 2008) utilize como base para seu trabalho pedagógico e traga livros, dinâmicas, contos, brincadeiras que sejam da cultura brasileira ou afrobrasileira sem que as personagens envolvidas sejam embranquecidas. A cada mês poderia ser discutido de forma multi, inter e intradisciplinar as personalidades negras e indígenas, juntamente com suas contribuições para a história, de forma lúdica, colocando eles como heróis assim como o desenho Mytikah – O Livro dos Heróis (2019) faz.

No livro “Pequeno Manual Antirracista” de Djamilla Ribeiro (2019) ela descreve dez atitudes que são indispensáveis para abraçar a luta que é entender o racismo e seus impactos, visibilizar a negritude, reconhecimento dos privilégios da branquitude, percepção do racismo existente dentro de cada um de nós, prestação de apoio às políticas educacionais afirmativas - que garantem direitos ao povo negro, tendo em vista que a educação é para todes. A autora recomenda também a leitura de autores negros, o questionamento da cultura que se segue e consome, a reconhecimento dos desejos e afetos - se referenciando aos relacionamentos que estamos inseridos, ajudando a perceber a presença de negros dentro dessa dinâmica.

Uma pedagogia voltada para a educação nas relações étnico-raciais não contempla uma luta antirracista. Falar sobre as diferenças, igualdades e diversidade não é o mesmo que aprender a conviver e defender a luta das minorias, dos oprimidos socialmente. Sabendo que crianças negras notam comportamentos racistas, é necessário fazer com que os colegas não-negros percebam e o incluam, que o defendam e o mais importante é empoderar os pequenos negros para que eles não se silenciem diante disso. A presença de mais professores negros também resolveria grande parte dos problemas que alunos negros passam. Quanto mais melhor.

III. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para melhor compreensão deste trabalho, é importante estar aberto a enxergar seu próprio potencial racista, observando seus relacionamentos, espaços que frequenta, o lugar onde trabalha. Dentro da educação, não muda. É necessário pensar na realidade de seus alunos negres, refletir sobre sua jornada, estatísticas onde se encaixa, afinal, estamos inseridos numa sociedade escancaradamente racista e se dispor de atitudes antirracistas contribuem para o avanço social.

A educação étnico racial conversa diretamente com a antirracista, entretanto, não a contempla. O racismo causa a ausência de afeto na trajetória de alunos negres e precisamos falar e sermos práticos para que essas violências diminuam. Pode ser uma utopia, uma escola sem racismo, uma cidade sem racismo... Mas sabemos que o sistema se alimenta e se nutre dos nossos corpos, carregamos as indústrias, somos mãos “pra qualquer obra”. A escravidão acabou, sem amparar a gente ficou e estamos até hoje...E somos potência. Nossa história teve seu apagamento e resgatar essa cultura, se apropriar de quem se é, se amar como é é uma revolução. Espero um dia poder ter minha escola dos sonhos, uma educação antirracista sendo o meio para a mudança e constituição de neguinhos, neguinhas, neguinhos.

Falar sobre esse tema de alguma maneira me cura, por saber que pode ser impulsionador de outras pesquisas, pode ser um convite a quem nunca pensou sobre e nem por essa ótica, sobretudo um abraço acolhedor a quem se identificou - saber que não se está só numa luta que diz respeito a quem se é. Ser negro no Brasil é ser morto um pouco toda vez que um de nós morre, é saber que somos quem mais morre todos os dias, é saber que estamos inseridos numa sociedade que não nos respeita, sequer tolera, é saber que é necessário gritar pra ser ouvido e ainda sim, ser silenciado. Mas ser uma ativista é uma escolha que nem pude tomar, simplesmente me vesti. O nome disso é diáspora negra.

REFERÊNCIAS

ANTIAGO, Flávio. **Meu cabelo é assim... igualzinho o da bruxa, todo armado! Hierarquização e racialização das crianças pequeninhas negras na educação infantil.** 2014, 147 f. Dissertação. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

CAMPOS, Flávio de; CLARO, Regina. **Oficina de História.** Volume Único. Editora Leya, 2012. 832 p.

HOOKS, BELL. **Vivendo de Amor.** Portal Géledes. 2010.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir. A educação como prática de liberdade.** Ed. WMFMartinsFontes., São Paulo, 2013.

NASCIMENTO, Silvia. **Infância interrompida:** Estudo mostra que meninas negras são vistas como menos inocentes do que meninas brancas da mesma idade. [S. l.]: Mundo Negro, 20 jun. 2017. Disponível em: <https://mudonegro.inf.br/infancia-interrompida-estudo-mostra-que-garotas-negras-sao-vistas-como-menos-inocentes-do-que-garotas-brancas-da-mesma-idade/>. Acesso em: 3 maio 2022.

POEMAS presos. [S. l.]: Portal Raízes, 10 jan. 2016. Disponível em: <https://www.portalraizes.com/viviane-mose-lagrima-e-raiva-derretida-raiva-endurecida-e-tumor/>. Acesso em: 3 maio 2022.

BRASIL. **Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008.** Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm/. Acesso em: 3 de maio 2022.

